

A Filosofia da História de R. G. Collingwood e a tese de cátedra de Lina Bo Bardi

MARTINS, Thais Saboia. A Filosofia da História de R. G. Collingwood e a tese de cátedra de Lina Bo Bardi. *Revista Docomomo Brasil*, Rio de Janeiro, n. 6, p. 15-22, dez. 2021.

data de submissão: 05/08/2021

data de aceite: 20/11/2021

Thais Saboia Martins

Doutoranda PROPAR (UFRGS), Arq. MSc. em Teoria e História (ETSAB-UPC);
tsmartins@utfpr.edu.br

Resumo:

O artigo relaciona os escritos sobre filosofia da história, presentes na obra *Autobiografia* (1938) do filósofo R.G. Collingwood, com algumas posturas posteriormente defendidas por sua leitora: a arquiteta Lina Bo Bardi – especialmente no que se refere aos escritos de sua tese de cátedra, onde o autor inglês foi por ela citado. Dos temas tratados por Collingwood, o texto destaca sobretudo a ideia de uma história que não seja de “tesoura e cola” (*forbici e colla*).

Palavras-chave: teoria da arquitetura, tesoura e cola, uso do precedente.

Resumen:

El artículo relaciona los escritos sobre filosofía de la historia, presentes en el libro *Autobiografía* (1938) del filósofo R. G. Collingwood, con algunos de los posicionamientos posteriormente defendidos por su lectora: la arquitecta Lina Bo Bardi – especialmente no que alude a los escritos de su tese de cátedra, donde el autor inglés fue por ella citado. De los temas tratados por Collingwood, el texto resalta sobretudo la idea de una historia que no sea de “tijeras y engrudo” (*forbici e colla*).

Palabras clave: teoría de la arquitectura, tijeras y engrudo, uso del precedente.

Abstract:

This article relates R.G. Collingwood's writings on philosophy of history, presented in his book *Autobiography* (1938), with some of the arguments later defended by his reader: the architect Lina Bo Bardi – especially on what concerns her thesis, where the English philosopher was mentioned. From the themes worked by Collingwood, this text highlights above all the idea against a history nominated by him as “scissors and paste.”

Key words: theory of architecture, scissors and paste, use of precedent.

Lina Bo Bardi, no prefácio de sua tese de cátedra *Contribuição Propedêutica ao Ensino da Teoria da Arquitetura* (1957), explicou sua interpretação da disciplina Teoria da Arquitetura na busca de transmitir ao aluno uma ideia certa da unidade e do espírito da Arquitetura, e conduzi-lo à seguinte convicção:

(...) de que a arquitetura moderna é, como todas as atividades humanas, o produto da experiência do homem no tempo, e de que não existe fratura entre o assim chamado ‘moderno’ e a história, visto ser o ‘moderno’ antes o produto da história mesma, através da qual somente é possível evitar as repetições de experiências superadas. É a história, quando não entendida como “una cosa da forbici e colla”, mas como coisa viva e atual, revivida em seus problemas fundamentais dotados de transmissibilidade e fecundos de ensinamentos, (...). (BO BARDI, 1957, p.6)

Nesta explicação o termo italiano *forbici e colla* veio atrelado à citação do livro *Autobiografia* de Robin George Collingwood. Lina citou em sua tese a versão traduzida para o italiano por Giampaolo Gandolfo, datada de 1955, tendo sido a versão original em inglês publicada em 1938. Esta citação ao filósofo R. G. Collingwood poderia, sem dúvida, não parecer relevante numa primeira leitura, pois soma-se a outras 134 citações em toda a extensão de sua tese, sem mencionar as 227 figuras que acompanham lateralmente o texto. No entanto, dada à ênfase e à recorrência do papel protagonista da história nos demais capítulos de sua tese, recorrer ao livro *Autobiografia* – bem como a fonte original utilizada por Lina – tornou-se fundamental para o entendimento de seu posicionamento.¹

No ano de 1957, com quase quarenta e três anos de idade, Lina Bo Bardi concluiu a sua tese para o concurso da Cadeira de Teoria da Arquitetura da FAU (São Paulo).² Nesta época a arquiteta já contava com dez anos de residência no Brasil, – ela e Pietro Maria Bardi³ chegaram em 1946 – tinha se naturalizado brasileira e sua obra construída

1- No livro original em italiano, presente no acervo do Centro de Pesquisa do MASP e utilizado por Lina Bo Bardi em sua tese de cátedra, foram encontradas anotações, marcações e marginalias que comprovam o seu interesse do início ao fim do livro. Grande parte dos temas aqui tratados derivam destas anotações. O tratamento deste material inédito está sendo desenvolvido em profundidade na tese de doutoramento da autora deste artigo.

2- Em entrevista concedida a Olívia de Oliveira, Lina declarou que recusaram a sua inscrição no concurso para a cátedra de Teoria da Arquitetura, para o qual apresentou recurso, sendo depois o concurso suspenso. “... decidi ir-me a Salvador imediatamente.” (OLIVEIRA, 2002, p. 250) Ver mais informações sobre o cancelamento do concurso na biografia de Lina Bo Bardi por Zeuler Lima (LIMA, 2021, cap.6).

3- Pietro Maria Bardi (1900-1999), jornalista e crítico de arte italiano (naturalizado brasileiro), apoiador da arquitetura Racionalista na Itália. Em 1946 casa-se com a arquiteta Lina Bo e imigram para o Brasil, onde fundam o Museu de Arte de São Paulo (1947). Ver informação detalhada em sua biografia por Francesco Tentori (TENTORI, 2000).

mais relevante era a Casa de Vidro – sua própria residência no recém-inaugurado bairro do Morumbi em São Paulo. (FERRAZ, 1993, p.78) Ao que tudo indica, a sua tese foi um exaustivo exercício teórico acadêmico em sua carreira, precedendo a sua viagem a Salvador – cidade a que diversos autores, que estudaram a biografia de Lina Bo Bardi, relacionam sua experiência vivida como fundamental para o florescimento de sua busca crítica.

O papel desempenhado pelo arcabouço teórico-histórico, consolidado e expresso anteriormente em sua tese, não pode ser subestimado neste processo.

Diversos pesquisadores estudaram e continuam estudando a obra de Lina Bo Bardi, mas um número reduzido destes se debruçou sobre a sua tese acadêmica, entre eles, destacamos o artigo *A Teoria Perdida: indagações de uma arquiteta modernista que queria ensinar* (2009) do professor Rogério de Castro Oliveira; o livro da pesquisadora Cathrine Veikos, *Lina Bo Bardi: The Theory of Architectural Practice* (2014), quem traduziu a tese de Lina para a língua inglesa; e a clara síntese dos objetivos da tese elaborada por Zeuler Lima em seu livro *Lina Bo Bardi* (2013). Todos estes autores, lançaram luz a aspectos extremamente relevantes de *Propedêutica*, mas optaram por não abordar em suas análises a filosofia da história de R. G. Collingwood.

Afinal, quem era R. G. Collingwood e qual foi a sua relevância no mundo de investigação filosófica? Este singular filósofo britânico (1889-1943) – filho do biógrafo e secretário pessoal de John Ruskin –, foi um irreverente professor de filosofia em Oxford, escritor e arqueólogo praticante, sendo muito reconhecido por sua documentação sobre a Bretanha Romana. Traduziu para o inglês parte da obra de Benedetto Croce, de quem foi contemporâneo, compartilhando com seu colega italiano uma grande admiração pela obra de Giambattista Vico, a quem deve grande parte de seu pensamento sobre a história das ideias. (COLLINGWOOD, 2002, p.xii)

Em seus escritos assumiu uma postura contrária a leitura de descontinuidade histórica – utilizando para designar isso o termo de *tesoura e cola*, *forbici e colla* em italiano, ou *scissors and paste* conforme a versão original inglesa. Em sua obra filosófica de publicação póstuma, *The Idea of History* (1946), o autor desenvolveu o conceito de resgate histórico através de uma postura filosófica, de pesquisa, reflexão e proximidade com a vida:

Como o passado histórico, diferente do passado natural (cronológico), é um passado vivo mantido em vida pelo ato do pensamento histórico, a mudança histórica de

uma maneira de pensar para outra, não supõe a morte da primeira, mas a sobrevivência integrada em um novo contexto em que ocorre o desenvolvimento e a crítica a suas próprias ideias.⁵ (COLLINGWOOD, 2004, p. 307)

É justamente este processo o que foi defendido por Lina ao longo de *Propedêutica: a sobrevivência integrada* ou a conexão histórica dos referentes arquetônicos com o presente.

No entanto, foi em *Autobiography* (1938) – livro citado por Lina, que o filósofo explicou a gênese e a construção do seu pensamento sobre a história. Este artigo pretende relacionar as ideias apresentadas pelo autor inglês a algumas adotadas por Bo Bardi em *Contribuição Propedêutica*, bem como revelar algum dos possíveis elos da aproximação da arquiteta ao pensamento deste irreverente personagem.

Entre as ideias de R. G. Collingwood, que podem ser relacionadas às defendidas por Bo Bardi, estão: a visão histórica prevaletente em seu meio realista, a qual ele combatia nominando-a como sendo de “tesoura e cola” (*scissors and paste*); o desenvolvimento de seu método de perguntas e respostas (*questions and answers*) no seu laboratório de conhecimento arqueológico; os fundamentos de sua filosofia da história – onde defendia reencenar a história, revivê-la (*re-enactment*); e, por último, a sua visão de aproximação entre teoria e prática (*rapprochement*) para a formação do homem de ação. Homem que, para Collingwood, representava o filósofo-historiador de mangas arregaçadas, responsável moral, política e economicamente frente ao mundo. Apenas em citá-las, as ideias deste filósofo pouco reconhecido remetem à atitude de Bo Bardi ao longo de sua vida.

As origens do pensamento de R. G. Collingwood

R. G. Collingwood escreveu em sua *Autobiografia*, no capítulo “pau que nasce torto”⁶, que sua primeira lição sobre História das Ideias – assunto que se tornaria a base de quase todos os seus escritos – aconteceu ao se deparar, quando tinha apenas nove anos, com o livro *Principia* de Descartes e perceber com estranheza o contraste causado com as teorias modernas que ele já aprendera. Este fato desvelou para ele o “segredo” que os livros “modernos” não lhe explicavam:

5- Tradução do castelhano para o português feita pela autora do presente artigo.

6- “Bent of a Twig”, título do primeiro capítulo de *Autobiography* (1938) de R.G. Collingwood, onde ele narra sua infância e adolescência. Todas as próximas citações do livro provêm do livro original em inglês, traduzidos pela autora do presente artigo. (COLLINGWOOD, 2002, p. 1).

4- “[...] Bo Bardi’s critical quest would fully blossom in Salvador.” (LIMA, 2013, p.81.)

(...) que as ciências naturais têm uma história própria, e que as doutrinas ensinadas, seja em qualquer assunto ou em qualquer tempo, foram alcançadas – não por um descobridor penetrando a verdade depois de tempos errantes – mas pela modificação gradual de doutrinas antes estabelecidas; e que num futuro, a não ser que o pensamento se estagne, serão elas mesmas também modificadas. (COLLINGWOOD, 2002, p.2)

O seu entendimento precoce sobre a modificação gradual do que seria uma “verdade” nas ciências naturais também o levou a questionar outros campos do conhecimento, como o da arte – por ser filho de pais pintores. Com esta postura questionadora de livre pensador, Collingwood foi um estudante inconformado com a educação de seu tempo. Segundo ele, a escola Inglesa era assombrada pelos fantasmas das disputas disciplinares do século XVII, infectando alunos e professores com a “ideia lunática” de que os estudos deveriam ser especializados, separados em “clássicos” ou “modernos”. Ele, por seu conhecimento de grego e latim, seguiu para estudar os “clássicos”. (COLLINGWOOD, 2002, p.6)

Vinte e cinco anos mais nova do que Collingwood – praticamente uma geração separa o filósofo de sua atenta leitora – a arquiteta Lina Bo Bardi, à semelhança do autor inglês, também conviveu sua infância rodeada com o mundo da arte, uma vez que seu pai Enrico Bo, dedicava-se a pintura. Mais tarde em sua vida no Brasil, casada com Pietro Maria Bardi, ambos combateram a ideia de especialização ou a separação rígida dos períodos da história da arte em suas exposições e livros. Inicialmente de caráter mais didático no saguão da primeira sede do Museu de Arte de São Paulo em 1947 e mais tarde, com a “explosão” do espaço nos seus cavaletes de vidro no MASP da Avenida Paulista.⁷

O combate a “una cosa da forbici e colla”

Graduado em filosofia num ambiente cercado de “realistas”, R. G. Collingwood iniciou sua prática de professor em Oxford num ambiente acadêmico não muito acolhedor. Foi acusado, como ele mesmo relatou em seu livro, por seus colegas “realistas” de enxergar apenas o óbvio. A partir deste episódio, decidiu que em suas aulas de filosofia em Oxford trabalharia mais pelo exemplo do que pela norma ou pelo preceito. Mostraria aos seus alunos que não deveriam aceitar, ou assimilar, a crítica à nenhuma filosofia sem antes se satisfazerem pelo estudo em primeira mão: “Vamos ver se Kant realmente disse isso.”, exemplificava. Como professor e especialista em Aristóteles, Collingwood adotava a mesma postura, concentrando na pergunta: “O que Aristóteles está dizendo e

o que ele entende por isso?” Tirando o foco, ou postergando, a pergunta que habitualmente se buscava: “Será verdade?”. Seu objetivo com isso era a aproximação acadêmica a um texto filosófico: primeiro dever-se-ia buscar a compreensão do tema estudado, e a crítica, segundo ele, deveria ser postergada. (COLLINGWOOD, 2002, p.27)

“Tesoura e cola” (*scissors and paste*), ou *forbici e colla* em italiano, foi o conceito cunhado por ele, e utilizado por Lina em sua tese, para explicitar seu constante combate contra o que chamou de “dogmas presentes no corpo putrefato do pensamento histórico”.⁸ Em suas aulas como professor em Oxford sobre a História da Filosofia, mostrava aos seus alunos que o assunto tratado não era nunca um assunto fechado, ou algo que alguém com um livro muito extenso conseguisse enumerar na sua completude. “Era um assunto aberto, uma fonte inexaurível de problemas, velhos problemas sendo reabertos e novos problemas sendo formulados, de coisas que até então não haviam sido pensadas.”⁹ Combatia uma visão histórica baseada apenas, ou filtrada, por enciclopédias e manuais, ou seja, pelas autoridades ilustradas. Por isso sugeria o estudo direto nas fontes originais, para se entenderem as perguntas que estavam sendo respondidas. A partir daí Collingwood estabeleceu alguns de seus princípios sobre a Filosofia da História:

(...) que o passado que um historiador estuda não é um passado morto, mas um passado que de alguma maneira ainda vive no presente. (...) Na história não existem começos nem finais. Livros de história começam e terminam, mas não os eventos por eles descritos. (COLLINGWOOD, 2002, p.97, 98)

Lina, sua leitora, escreve no Prefácio de *Propedêutica* (1957):

(...) essa história, que como é óbvio, não é aquela dos manuais escolares, monótona e de segunda mão, capaz apenas de sugerir a ideia de que o “passado” passou e não tem mais validade, e que o mundo começou hoje, atribuindo-se ao homem assim, a tarefa de refazer sozinho a experiência do “paraíso perdido”; mas, assim a história que não seja a mera “História” abstrata e sim a vida concreta e fecunda. (BO BARDI, 1957, p.6)

Ambos os autores buscavam, cada um em sua época, e em sua docência, um ensinamento da história próximo à vida prática, uma história que informasse o presente, que estivesse encapsulada no presente, ou o “presente histórico”, como Lina muitas vezes se referiu.

7- Ver textos de Lina Bo Bardi (FERRAZ, 1993, p.44 e p.100).

8- COLLINGWOOD, 2002, p.75.

9- Ibidem, p.75.

Não deixa de ser irônico que a história que Lina e Collingwood combatiam, tenha sido chamada por este último com a expressão inglesa de *scissors and paste*, uma vez que a própria carreira de Lina tenha tido início com a atividade de recortes de fotografias de revistas, coladas e editadas para as novas ilustrações que produzia no campo do periodismo arquitetônico.¹⁰

Como já dito, a expressão utilizada por Collingwood de *scissors and paste* se refere a uma história – um recorte presente em muitos livros e manuais escolares – que é produto de uma compilação de informação formada a partir do estudo das autoridades em referido tema.¹¹ Ou ainda, de uma história apresentada como tabula rasa para a ação no presente ou, na interpretação de Lina, de que o passado não tivesse mais validade no momento atual.¹² Para Collingwood a história é aberta, construída a partir de evidências que possibilitam o estudante ou o historiador chegarem a suas próprias conclusões.¹³ Já o recorte gráfico, utilizado amplamente por Lina como ferramenta de edição e de criação, convém ser tratado então como colagem; ou seja, a contraposição de imagens que provocam novas relações, desencadeando novas reflexões. Teria Lina percebido esta confusão de termos? Teria sido proposital e uma brincadeira da arquiteta em sua por vezes ambígua tese?¹⁴

Em *Contribuição Propedêutica* salta aos olhos a abundante e variada bibliografia, além da quantidade de exemplares raros que Lina teve acesso e foram consultados em primeira mão; uma relação de livros que mais tarde viria a formar parte do próprio acervo da Biblioteca do Museu de Arte de São Paulo.¹⁵ Importante frisar que Lina, exaustivamente, na extensa bibliografia utilizada, não deixou um momento de citar a fonte, com a página, do material apresentado, seja texto ou imagem. Permitindo ao leitor a verificação em primeira mão do conteúdo de seu ensaio, deixando-o sempre aberto a novas indagações.

Collingwood registra em sua metodologia de aproximação a um texto histórico que, ao tentar entender o propósito de um documento ou registro his-

10- Sobre o trabalho editorial de Lina Bo Bardi ver os escritos de Zeuler Lima sobre este período: *arquiteturas de papel* (LIMA, 2013, p. 21).

11- "...si tratamos de ler entre líneas, si nos preguntamos lo que el hablante está ocultando y por qué motivos se ve inducido a decir lo que disse, entonces la palabra escrita deja de ser una autoridad y se convierte en una fuente. (COLLINGWOOD, 2004, p.580).

12- BO BARDI, 1957, p.6.

13- COLLINGWOOD, 2002, p.75,76.

14- Assim como bem escreveu Zeuler Lima no prefácio de seu livro sobre Lina: "(...) it keeps alive the ambiguities she brought into her practice. To some who knew her, Bo Bardi struggled for her beliefs. To others, she was a troublemaker. As such she was both part of the establishment and an outsider: an insurgent in noble garb." (LIMA, 2013, p.xiii). Não podemos esquecer que a capa da tese de Lina nos convida a um jogo com a imagem do Labirinto estampada em sua capa.

15- Ver sobre a formação do acervo da Centro de Pesquisa do MASP (TENTORI, 2000, p.148).

tórico, não bastaria simplesmente estudar o que foi dito ou escrito, pois para o entendimento de tal feito precisaríamos saber qual pergunta estaria sendo respondida em seu momento, uma pergunta que seguramente estaria na mente do autor e seus contemporâneos na época da declaração ou da escrita (e que poderia já ter sido esquecida), cujo registro teria funcionado como resposta. "Uma lógica onde somente as respostas são entendidas, mas as perguntas negligenciadas é uma falsa lógica", diz o filósofo inglês, que recomendava a leitura dos textos em sua versão original, de forma contextualizada, tanto textual como historicamente. (COLLINGWOOD, 2002, p.31)

Convém, por isso, contextualizarmos rapidamente, no sentido de tentar entender as possíveis perguntas às quais cada um dos autores aqui analisados estaria respondendo em seu tempo, além de simplesmente compararmos a semelhança entre o entendimento da função do conhecimento histórico para vida entre Collingwood – o professor de filosofia de Oxford em 1939 – e Lina, leitora de Collingwood, arquiteta e candidata à professora de Teoria da Arquitetura na FAU-USP, em 1957.

Collingwood, em 1938, enxergava a função de uma "história para a vida" como uma possibilidade de aumento no poder de controle dos assuntos humanos, pois estava alarmado com a situação política do momento histórico que vivia, onde "o poder humano de controle da Natureza crescia *pari passu* ao decréscimo do poder de controlar as relações entre os homens." ¹⁶ Era o período de avanço dos totalitarismos. O autor assinala que o *Tratado de Versalhes* havia superado em inépcia os tratados anteriores, assim como o armamento dos exércitos do século XX superaram em excelência técnica os períodos anteriores. O autor acreditava em um novo tipo de história: que ensinasse aos homens a aprender a controlar as relações humanas, para ele uma "história das ideias" poderia ser a chave para o problema de um avanço técnico em dissonância com o estado das relações humanas.

Dissonância não apenas percebida pelo filósofo inglês, mas retrato de todo o seu período histórico. A arquiteta ítalo-brasileira colocou em sua tese, no capítulo sobre *Arquitetura e Ciência*, o gráfico traçado por Le Corbusier durante o Congresso de Atenas (1933), com o qual, segundo Lina, ele queria mostrar "que o progresso científico estava em divergência com o estado de consciência, e, pois, com a arte."¹⁷

Lina em 1957, por sua vez, estava também preocupada com o tema da reformulação do ensino da escola de arquitetura da FAU-USP, como mostra o documento do Grêmio de Arquitetura desta univer-

16- COLLINGWOOD, 2002; p.91.

17- BO BARDI, 1957, p.22.

cidade, elaborado um ano antes da redação de sua tese.¹⁸ A arquiteta, segundo seus próprios escritos, via necessário superar:

(...) a fratura histórica de um conflito de transição entre o “antigo” e o “moderno”, procurando esclarecer e compreender a continuidade da história, e iluminando assim a mente do estudante mediante o hábito da cultura com relação à profissão, ou seja, à vida real. (BO BARDI, 1957, p.57)

Compreender a continuidade da história (os processos) para iluminar, como *insight* e guia de ação, a vida! As ideias de Lina, como podemos comprovar com seus escritos anteriores,¹⁹ não nasceram apenas da leitura de Collingwood, mas encontraram solo fértil nos escritos deste autor.

Perguntas e respostas: um “laboratório de conhecimento”

Um pouco antes da Primeira Guerra Mundial interromper parte de sua vida acadêmica, Robin George Collingwood, na sua atividade de verão, se dedicava à escavação de sítios arqueológicos, – lugares onde aprendia muito e colocava à prova a sua teoria – que ele chamava de *laboratórios de conhecimento*:

A experiência me ensinou que sob as condições de um laboratório não se aprende nada, exceto em resposta a uma pergunta; tampouco sendo uma pergunta vaga, mas uma definitiva. Quando uma pessoa escava dizendo meramente, ‘Vamos ver o que encontramos aqui’, um não aprende nada, exceto casualmente na medida que perguntas casuais venham a mente enquanto se escava. (...) ‘Seriam estas pedras soltas um muro em ruínas?’ O que um aprende depende não meramente no que apareceu nas trincheiras, mas também nas perguntas que foram levantadas: (...). (COLLINGWOOD, 2002, p.24, 25)

O filósofo confessou que, nas suas explorações arqueológicas, estava apenas redescobrimo por si mesmo, na prática da sua pesquisa histórica, os princípios que Bacon e Descartes já haviam sustentado há mais de 300 anos: “(...) que o conhecimento somente vem em resposta a perguntas, e que estas perguntas devem ser as perguntas certas, na ordem correta”.²⁰ E era aqui quando Collingwood atacava os seus colegas “realistas” de Oxford que acreditavam que o conhecimento derivaria de uma intuição ou da simples apreensão de uma realidade. Collingwood estava mostrando a necessidade

de vivenciar o conhecimento na prática, de que o aprendizado se daria também através da solução de problemas, revivendo-os em campo.

Semelhante ao defendido por Collingwood, vemos no artigo do professor Rogério de Castro de Oliveira (1986) ao escrever sobre a tese de Lina Bo Bardi, o exemplo do método crítico de ensino preconizado mais tarde por Popper (1975):

Minha tese é de que, a fim de conseguir uma compreensão real de qualquer problema dado (...) é necessário mais de que uma análise deste problema, (...) a fim de compreender qualquer problema assim ‘morto’ devemos, pelo menos uma vez na vida, ter lutado seriamente com algum problema vivo. (POPPER, 1975, p.173 In OLIVEIRA, 1986, p.3, 4)

A “lógica de proposições” (*propositions*) defendida por Collingwood divergia da lógica idealista dos séculos XVIII e XIX e poderia se chamar lógica de *questions and answers*, pois derivaria de uma sequência de perguntas e respostas: “Por ‘certo’ eu não digo ‘verdadeiro’. A resposta ‘certa’ a uma questão é aquela que nos permite avançar no processo de questionamento e respostas.” Numa indagação de inspiração peripatética de aproximação ao conhecimento. (COLLINGWOOD, 2002, p.37)

Em 1967, Lina em seu texto explicativo do projeto do MASP, O novo Trianon, 1957|67:

A obra arquitetônica é uma lógica de “proposições”, que difere da lógica dos “termos” que até hoje tem nos apresentado a cultura idealista. E como tal, passível de demonstração. E como tal, mais perto de uma ciência. (...) E essas proposições são de conteúdo.” (BO BARDI In RUBINO, 2009, p.127)

Neste momento, para Lina, o canteiro era seu “laboratório de conhecimento”. “A lógica de proposições”, isto é, as perguntas e respostas às quais a arquiteta se colocava, foram bem explícitas em seu memorial descritivo do projeto do MASP.²¹ E aqui percebemos que a noção de ciência de Lina se aproxima também a algumas ideias de Giambattista Vico – onde conteúdos poéticos e analíticos caminham juntos.²²

Muitas vezes, ao ler Collingwood escrever sobre os processos filosóficos, temos a sensação de que nos

21- Ler memorial em RUBINO, 2009, p.127.

22- Ver a introdução de Donald Phillip Verene na tradução às Seis Orações Inaugurais de Vico (VICO, 1993, p.3), onde ele aponta que (segundo A. Arnauld e P. Nicole. *La logique ou l’art de penser...* 1965), a educação moderna deixou de escutar Vico, excluindo o ensino “poético e retórico” e favorecendo apenas “o analítico e metodologicamente claro”. No entanto, em *The Idea of History* (1946) - livro publicado postumamente - Collingwood, apesar de ter sido admirador da obra de Vico, o considerou como um historiador de “tesoura e cola” por tentar encaixar e/ou forçar a história a esquemas e estruturas de ciclos históricos (COLLINGWOOD, 2004, p.348).

18- Documento do Grêmio da FAU de São Paulo de 3 de setembro de 1956.

19- Ver outras influências sobre os escritos de Lina Bo Bardi em LIMA, 2013, p.22.

20- COLLINGWOOD, 2002, p.25.

aproximamos à descrição de um processo projetual arquitetônico. Isto seguramente se deve à sua aproximação com o mundo prático arqueológico em que o autor aplicou e testou suas teorias: “para o arqueólogo, todos os objetos devem ser tratados em termos de propósitos” com a seguinte pergunta: “Para que serviu isto? (na busca de intenções e proposições)”.²³

Para o filósofo inglês, somente fazendo perguntas nos aproximaremos da história das ideias. O que, segundo ele, não seria de nenhuma maneira uma tarefa fácil, e as questões filosóficas ontológicas não seriam mais difíceis do que as questões histórico-constructivas. Em seu livro, ironicamente lança uma pergunta retórica aos personagens Rosenkrantz e a Guildenstern, amigos de Hamlet: *Do they think the Parmenides is easier to understand than a rotten little Roman fort? Sblood!*²⁴

A “história em ato”

Para o filósofo inglês o “conhecimento histórico necessita da reencenação na mente do historiador do pensamento histórico que ele está estudando” – (*re-enactment* em inglês ou *rimettere in atto* em italiano). No entanto, para o filósofo esta proposição trazia em si a problemática da diferença de contextos, pois a re-encenação do pensamento histórico não estaria ligada à vida real do historiador. (COLLINGWOOD, 2002; p.112,113)

Dando continuidade a suas pesquisas, complementou: “O conhecimento histórico é a reencenação de um pensamento do passado encapsulado no contexto de pensamentos presentes que, por contradizê-lo, o confina num plano diferente dos mesmos”.²⁵ Para o autor, o problema histórico surgirá dos problemas da vida real, desta forma o plano histórico estaria sempre vinculado ao plano da vida real. Não foi à toa que Collingwood chamou este capítulo de *História como Autoconhecimento da Mente* e a equiparou ao conhecimento do mundo dos homens, numa ampliação do aforismo grego – do oráculo de Delfos – do “conhece-te a ti mesmo”:

Ao repensar o que outra pessoa pensou, ele pensa por si mesmo. Ao entender o que outra pessoa pensou aquilo, ele sabe que ele mesmo pode pensar aquilo. E ao descobrir o que ele é capaz de fazer, descobre o tipo de homem que é. Se ele é capaz de entender, por repensá-los, os pensamentos de muitas pessoas diferentes, percebe-se que ele deve ser muitos homens diferentes. Ele deve ser, de fato, um

23- COLLINGWOOD, 1938, p.128.

24. “Será que eles acham as questões de Parmênides mais fáceis de entender do que um pequeno forte romano em ruínas? Pelo sangue de Cristo!” (COLLINGWOOD, v.o:1938, p.40). A grande questão de Parmênides é justamente aquela ontológica apresentada por Shakespeare em Hamlet: o “ser ou não ser, eis a questão”.

25- COLLINGWOOD, 2002; p.114.

microcosmo de toda a história que ele possa saber. Assim seu autoconhecimento equivale ao seu conhecimento do mundo dos homens. (COLLINGWOOD, 2002, p.114,115)

Em 1958, no ano seguinte à finalização de sua tese, a arquiteta italiana deixou registrado no manuscrito de sua aula sobre Teoria e Filosofia da Arquitetura para a Faculdade de Belas Artes da Universidade Federal da Bahia:

Armados de teoria (prática) e filosofia (história), vamos enfrentar nossos três meses de trabalho em comum, por história, esteja bem claro, não entendemos a “cristalização” da história, a história dos manuais e dos professores, mas a *história em ato* – a história do trabalho e da fadiga do homem. Olharemos para os diferentes períodos da história da arquitetura **formulando as “perguntas”** das quais as realizações dos diversos períodos arquitetônicos são as **respostas**. (BO BARDI In RUBINO, 2008, p.84)

“A história em ato”, como “a história do trabalho e da fadiga do homem”, foi a expressão que Lina utilizou para explicar a sua abordagem histórica para seus alunos na Universidade da Bahia em 1958, arrematando com a fórmula de “perguntas e respostas” sugeridas por Collingwood em seus escritos. Poderíamos entender o *re-enactment* de Collingwood, na “lógica de proposições” do projetar em arquitetura, com o que atualmente nos referimos como repertório ou o uso do precedente? Nestes casos o conhecimento do passado nos forneceria *insights* para o presente, onde ao se reencenar, no sentido proposto por Collingwood, isto é, no “pensar, entender e descobrir o que se é capaz de fazer” ou no que a humanidade foi capaz de fazer e para que propósito, poderia nos ajudar a entender diferentes aspectos da história (presente histórico) ou do ensino de projeto de arquitetura.²⁶

Teoria e Prática: um “*rapprochement*”

No capítulo final do livro *Autobiografia*, o autor estabeleceu uma aproximação (*rapprochement*) entre teoria e prática. Para Collingwood o conhecimento histórico é necessário para a ação, o que ele explica de forma analítica:

Minha noção era de que uma mesma ação, que por ser uma ação pura e simplesmente já era uma ação “moral”, era também uma ação “política” – como uma ação frente a uma regra – e ao mesmo tempo “econômica”, quando considerada como um meio para atingir um fim. (COLLINGWOOD, 2002, p.148)

26- Ver os escritos dos professores Rogério de Castro de Oliveira, Helio Pinõn e Leonardo Oba, sobre o uso de precedentes no ensino da arquitetura.

O filósofo inglês nos relata que sentia sua aproximação entre teoria e prática incompleta, até se dar conta que necessitaria mudar seus hábitos baseados na divisão vulgar dos homens entre intelectuais e homens de ação. Divisão esta, segundo ele, que tomava por verdade um resquício do pensamento da Idade Média, inclusive presente na própria universidade que trabalhava, onde ainda propagava a interpretação medieval do pensamento grego de que os homens se dividiriam entre os que levam uma vida contemplativa e os que levam uma vida prática. O filósofo confessa que nunca se converteu da *Metafísica* de Marx ou de sua *Economia*, mas que não podia deixar de reconhecer que ele era um lutador, alguém que buscava resolver um problema prático e construir um mundo melhor. (COLLINGWOOD, 2002, p.150,152)

Quanto à não-divisão dos homens entre contemplativos ou práticos, a que alude Collingwood, nos recordamos da reflexão que Lina registrou em sua tese:

Trata-se de Pier Luigi Nervi, com o qual trabalhamos (para não dizer colaboramos) e que, certo dia, no decurso de uma cavilossíssima discussão a propósito da forma de um pilar de concreto, saiu-se com esta: “Basta! O arquiteto é somente um pedreiro que sabe latim”. (...) contudo, depois de alguma reflexão encontramos naquela afirmação, que não aceitáramos, um fundo de verdade que nos impressionou vivamente: é Wright observando a estrutura da margarida, é a consciência humilde que vai *pari passu* com a capacidade, em contraposição às presunções crítico-literárias destituídas de bases essenciais e, seja como for, quase sempre estranhas ao campo didático. (BO BARDI, 1957, p.47)

No entanto, na vida de Bo Bardi não pairam dúvidas sobre a sua atitude intelectual como *homem de ação* no sentido “collingwoodiano” do termo, onde o conhecimento histórico, ou a *sobrevivência integrada* do passado, é uma premissa para a ação no mundo – assumida pela *architetto* Lina Bo Bardi, e reafirmada até o final de sua vida como nos seus escritos e projetos para a Nova Prefeitura de São Paulo:

(...) Frente ao presente histórico, nossa tarefa é forjar um outro presente, “verdadeiro”, e para isso é necessário não um conhecimento profundo de especialista, mas uma capacidade de entender historicamente o passado, saber distinguir o que irá servir para novas situações de hoje que se apresentam a vocês, e tudo isto não se aprende somente nos livros.” (BO BARDI In FERRAZ, 1993, p.319)

Em suma

Paradoxalmente, para entender melhor os escritos e posicionamentos de Lina é necessário “escavar” nos arquivos à procura dos autores e livros que alimentaram o seu pensamento. O pensamento filosófico de Collingwood e a tese de Lina Bo Bardi (1957) nos ensinam a importância da leitura em primeira mão de textos e documentos históricos, e o entendimento do passado através da análise do presente “histórico” ou da “sobrevivência integrada” do passado em nossas vidas. Este entendimento, segundo Collingwood, se daria através de perguntas e respostas: Para que serviu isto? Para que isto foi feito? O que pensavam os que tomaram tal decisão? Para Lina, um projeto de arquitetura também obedeceria a uma “lógica de proposições” parecida. Uma lógica que não separa arte de ciência, e onde cada decisão compõe uma peça no todo, como num trabalho de arqueologia.

Referências

BO BARDI, L. *Contribuição Propedêutica ao Ensino da Teoria da Arquitetura*. São Paulo: Instituto Lina Bo e P.M. Bardi, 2002, (v.o.:1957).

COLLINGWOOD, R.G. *An Autobiography*. Oxford: Oxford University Press, 2002, (v.o. 1938).

_____. (GANDOLFO, G., trad.). *Autobiografia*. Venezia: Neri Pozza Editore, 1955.

_____. (O’GORMAN, J, CAMPOS, trad.). *Idea de la Historia*. Mexico: Fondo de Cultura Económica, 2004, (v.o.:1946).

CROCE, B (COLLINGWOOD, R., trad). *The Philosophy of Giambattista Vico*. New York: The Macmillan Company, 1913. Disponível em: <https://archive.org/details/thephilosophyofg00crocuoft/page/54/mode/2up> Acesso em: junho de 2020.

FERRAZ, M (Org.). *Lina Bo Bardi*. São Paulo: Instituto Lina Bo e P.M. Bardi – Empresa das Artes, 1993.

GRÊMIO DE ARQUITETURA. *Documento elaborado pelo Grêmio de Arquitetura: depoimentos de professores e amigos do grêmio*. São Paulo: Departamento de Ensino da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo de São Paulo, 1956.

GRINOVER, M. *Uma Ideia de Arquitetura. Escritos de Lina Bo Bardi*. São Paulo: Annablume Editora, 2018.

LIMA, Z. *Lina Bo Bardi*. New York: Yale University Press, 2013.

_____. *Lina Bo Bardi: O que eu queria era ter história*. São Paulo: Cia. das Letras, 2021.

OBA, L. Arquitetura no papel. A obra não construída como referência histórica. In: *Arquitextos*, São Paulo, n. 180.03, 2015.

OLIVEIRA, O. *Sutis Substâncias da Arquitetura*. São Paulo: Editora G.G., 2006.

OLIVEIRA, R. A Formação do Repertório para o Projeto Arquitetônico: algumas Implicações Didáticas. In: COMAS, C (Org.). *Projeto Arquitetônico: Disciplina em Crise, Disciplina em Renovação*. São Paulo: Projeto, 1986.

_____. O Uso do Precedente: A Construção do Repertório Arquitetônico no Ambiente Pedagógico do Atelier de Projetos. In: *InSitu*, vol.1, n. 2, São Paulo, 2015, p.51-54.

_____. A Teoria Perdida: indagações de uma arquiteta modernista que queria ensinar. In: *8º Seminário DOCOMOMO Brasil, Rio de Janeiro, 1 a 4 de setembro de 2009*. Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <<https://bit.ly/2DqzPwG>>.

PIÑÓN, H. *Teoría del Proyecto*. Barcelona: UPC, 2006.

RUBINO, S, GRINOVER, M. *Lina por escrito. Textos escolhidos de Lina Bo Bardi*. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

TENTORI, Francesco. *P. M. Bardi*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, Instituto Lina Bo e P.M. Bardi, 2000.

VEIKOS, C. *Lina Bo Bardi: The Theory of Architectural Practice*. New York: Routledge, 2014.

VICO, G (VERENE, D. Introd.; PINTON, SHIPPEE [trad].). *On Humanistic Education: Six Inaugural Orations, 1699-1707*. London: Cornell University Press, 1993. Disponível em: <<https://archive.org/details/onhumanisticeduc00vico/>> Acesso em: junho de 2020.